

FUNCIONALISMO: UMA ANÁLISE DAS OBJEÇÕES DOS *QUALIA* AUSENTES E INVERTIDOS

FUNCTIONALISM: AN ANALYSIS OF ABSENT AND INVERTED *QUALIA* OBJECTIONS

JOÃO FELIPE SANTANA RASI¹

<https://orcid.org/0000-0002-4336-8505>

RESUMO: A mente é um dos objetos mais familiares e próximos que temos, mas, ao mesmo tempo, um dos mais misteriosos. Neste contexto, existem diversas teorias filosóficas sobre a mente que buscam compreendê-la, especialmente em seu aspecto metafísico, ou seja, a natureza da mentalidade. Entre essas teorias, destaca-se o funcionalismo, o qual defende que um estado mental é, em última análise, um estado funcional. Este estado pode ser compreendido como uma rede complexa de relações causais entre estímulos (*inputs*), estados mentais e saídas (*outputs*). Apesar de o funcionalismo já ter sido uma teoria popular no meio filosófico, a forma como ele aborda os estados mentais suscitou algumas críticas. Entre as objeções ao funcionalismo, destacam-se aquelas relacionadas aos *qualia* ausentes e invertidos. *Qualia* é um termo técnico em filosofia da mente que se refere à experiência subjetiva, qualitativa e fenomênica que vivenciamos. Em outras palavras, as críticas dos *qualia* ausentes e invertidos concentram-se em apontar a suposta fragilidade da teoria funcionalista em acomodar os *qualia* na sua metafísica. Portanto, o presente artigo tem como objetivo analisar em detalhes as críticas relacionadas aos *qualia* ausentes e invertidos à teoria funcionalista e explorar a possibilidade de a referida teoria superá-las.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo; Estados mentais; Estados funcionais; *Qualia* ausentes; *Qualia* invertidos.

ABSTRACT: The mind is one of the most familiar and closest objects that we have, yet at the same time, one of the most mysterious. In this context, some philosophical theories try to understand the mind, especially their metaphysical aspect, that is, the mind's nature. Between these theories, there is functionalism, which defends that a mental state is a functional state. This state could be understood as a complex network of inputs, mental states, and outputs. Although functionalism has already been popular in philosophical circles, the way he approaches mental states has raised some criticism. Among the objections to functionalism, those related to absent and inverted *qualia* stand out. *Qualia* is a technical term in the philosophy of mind that refers to the subjective, qualitative, and phenomenal experience that we undergo. In other words, criticisms of absent and inverted *qualia* focus on pointing out the supposed weakness of functionalist theory in accommodating *qualia* in its metaphysics. Therefore, this article aims to analyze in detail the criticisms related to absent and inverted *qualia* towards the functionalist theory and explore the possibility of overcoming them.

KEYWORDS: Functionalism; Mental states; Functional state; Absent *qualia*; Inverted *qualia*.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo. Bolsista da FAPESP (2023/03526-5). Contato: jfsr31@hotmail.com. Link do currículo: <http://lattes.cnpq.br/6517387938657627>.

Introdução

Em inúmeros momentos, temos dificuldade de expressar em palavras aquilo que sentimos. As sensações, as experiências e os diversos fenômenos mentais familiares e íntimos a nós são, ao mesmo tempo, extremamente misteriosos à prática científica, gerando discussões acaloradas na história da filosofia há décadas. O filósofo David Chalmers (1996) interpreta essa discussão fazendo uma distinção entre dois diferentes problemas existentes na investigação humana sobre a mente: o problema fácil da consciência e o problema difícil da consciência. O problema fácil da consciência é sobre as questões da nossa cognição relacionadas, *grosso modo*, ao seu funcionamento. Isto é, como ocorre os processos cerebrais da audição, da fala, da imaginação etc. Neurocientistas, linguistas e neurofisiologistas estão tendo conquistas e avanços investigativos acerca dessas questões. Por outro lado, há o problema difícil da consciência: como processos bioquímicos eletromagnéticos cerebrais fazem surgir sentimentos, sensações fenomênicas tão vívidas e tão distintas dos processos físicos do cérebro. Esta questão gera dificuldades para a prática científica e esquentou os debates filosóficos sobre a mente. Uma das teorias que tenta responder ao problema difícil da consciência é o funcionalismo, trazendo considerações metafísicas sobre o que é a mente.²

A teoria funcionalista sobre a mente já foi uma teoria muito popular na filosofia e na prática neurocientífica, principalmente em meados da década de sessenta.³ No entanto, assim como qualquer teoria filosófica, o funcionalismo não foi imune a críticas. Dentre essas, há a dos *qualia* ausentes e invertidos feitas principalmente por Ned Block (1978; 1980; 2007) e Jerry Fodor (1980). *Qualia* é um termo técnico da filosofia geralmente usado para fazer referência a todas as sensações qualitativas, subjetivas e fenomênicas que experimentamos.⁴ Sendo assim, as críticas feitas por Block e Fodor ao funcionalismo concentram seus esforços, de modo geral, em apontar uma suposta fragilidade da teoria ao tentar acomodar os *qualia* em seu arcabouço teórico.

Portanto, o presente trabalho tem por objetivo avaliar as críticas aos *qualia* ausentes e invertidos do funcionalismo. Através desta análise iremos traçar um diagnóstico positivo ou

² É importante mencionar que a teoria funcionalista não é uma teoria que tenta apenas *explicar* a consciência, mas sim é uma teoria *metafísica* sobre a mente. Ou seja, o funcionalismo busca oferecer uma descrição da natureza fundamental da mentalidade. Em termos mais técnicos, a teoria se debruça em oferecer condições *necessárias* e *suficientes* para haver mente (Block, 1978, p. 261).

³ Shagrir, 2005, p. 221.

⁴ Dennet, 1988, p. 381.

negativo sobre a teoria funcionalista ser capaz de superar tais objeções ou não. Nesta medida, o trabalho adotou uma metodologia de clarificação dos conceitos trabalhados. Isto é, iremos primeiramente entender algumas concepções de funcionalismo e algumas posturas ontológicas sobre os *qualia*. Suspeitamos que caso o funcionalismo⁵ adote posturas ontológicas anti-reducionistas sobre os *qualia*, este, talvez, seria capaz de superar as objeções dos *qualia* ausentes e invertidos.

Portanto, o trabalho será dividido em quatro seções. A primeira será sobre a teoria funcionalista e suas vertentes. A segunda será sobre os *qualia* e algumas posturas ontológicas sobre este fenômeno recorrentes na literatura. A terceira foca nas objeções dos *qualia* ausentes e invertidos. Por fim, a quarta trará um diagnóstico positivo ou negativo ao funcionalismo frente a tais críticas.

1. Funcionalismo

A popularidade do funcionalismo na prática filosófica se deu por ser uma alternativa dentre as teorias fisicalistas da época e preservar, em alguma medida, algumas intuições dualistas sobre a mente.⁶ A teoria funcionalista defende que um estado mental é um estado funcional. Os estados funcionais são uma complexa rede causal entre estímulos (*inputs*), estados mentais e saídas (*outputs*).⁷ Por exemplo, segundo o funcionalismo, um estado mental de desejo de participar do evento de filosofia da PUC-Rio pode ser entendido da seguinte maneira:

- (i) Uma entrada sensorial/*input* (ver o anúncio do evento no site da ANPOF).
- (ii) Um outro estado mental de crença que o evento ocorrerá.
- (iii) Uma saída/*output* comportamental de se inscrever no evento.

A teoria funcionalista entende o estado mental de desejo de participar do evento de filosofia da PUC-Rio através da relação causal entre estes três eventos (i, ii e iii). No entanto, o funcionalismo pode entender o respectivo estado mental de desejo elencando vários outros estados mentais ou entradas sensoriais. Como por exemplo, um outro estado mental de desejo de conhecer novas pessoas do meio acadêmico. Ou outras entradas sensoriais: como o

⁵ Como dito anteriormente, o funcionalismo é uma teoria essencialmente *metafísica* da mente e não *ontológica*. A teoria, portanto, não discute quais entidades existem ou não na realidade, isto é, a teoria funcionalista não é inerentemente fisicalista e reducionista sobre os *qualia*. (Block, 2007, p. 9).

⁶ Abrantes; Amaral, 2002, p. 14.

⁷ Block, 2007, p. 28.

orientador(a) ter aconselhado o(a) pesquisador(a) a participar do evento etc. Ou seja, o exemplo acima é simplificado com finalidade didática, e a teoria funcionalista pode entender um estado mental particular de maneira extremamente complexa e ampla. Ademais, para esta teoria, não há necessidade de haver uma saída/*output* comportamental. Neste caso, por exemplo, o estado mental de desejo poderia ser entendido apenas pelo estímulo visual de ver o anúncio do evento e outro estado mental de crença sobre a realização do evento.

A metafísica funcionalista sobre os estados mentais a faz, na maioria dos casos, aceitar a tese da *realizabilidade múltipla* sobre a mente.⁸ Esta tese afirma que a mente pode ser multiplamente realizável. Isto é, o substrato/materialidade de uma certa entidade não é relevante para a mente ser instanciada – ou seja, a mente pode estar presente em qualquer objeto independente de seu material, contanto que as condições para haver mentalidade (no caso do funcionalismo, estados funcionais) estejam presentes.⁹ Por exemplo, a definição de relógio como *o objeto que oferece as horas é multiplamente realizável*. Assim como podem haver relógios de diversas materialidades (analógicos, digitais, etc), a mente pode ser instanciada em diversos substratos para o funcionalismo.

No entanto, mesmo que tenhamos uma concepção geral da tese funcionalista, a maneira como definimos e caracterizamos os estados funcionais e as relações causais faz diferentes vertentes funcionalistas surgirem. Veremos a seguir algumas das principais versões do funcionalismo recorrentes na literatura.

a. Funcionalismo de máquina

O funcionalismo de máquina (ou computacional) foi seriamente sistematizado com o filósofo Hilary Putnam (1960; 1967), mas sofreu influência dos avanços da ciência da computação promovidos por Alan Turing (1950).¹⁰ Como visto anteriormente, a caracterização dos estados funcionais e a delimitação das regras causais que há entre as entradas (*inputs*), estados mentais e saídas (*outputs*) são o que faz surgir diferentes vertentes funcionalistas.¹¹ No caso do funcionalismo de máquina, os estados funcionais são compreendidos como estados computacionais. Isto, na prática, é uma compreensão de um estado funcional como um estado de Turing. Uma máquina/estado de Turing é, de maneira geral, um modelo computacional

⁸ Braddon; Jackson, 2007, p. 49.

⁹ Block, 2007, p. 17-18.

¹⁰ Shagrir, 2005, p. 221-222.

¹¹ Braddon; Jackson, 2006, p. 49.

abstrato finito que manipula símbolos seguindo uma instrução determinística pré-programada.¹² Importante frisar, portanto, que Putnam (1960;1967) aceita uma certa similaridade entre a mente e o software, mas esta por sua vez não é pré-determinística e limitada como os programas computacionais atuais. Em suma, pode-se identificar a versão funcionalista de máquina como um paralelo entre a mente humana e um programa de computador. Ou seja, assim como o *software* está para um computador, segundo o funcionalismo de máquina, a mente humana está para o cérebro.

b. Funcionalismo analítico

O funcionalismo analítico surgiu especialmente com os filósofos David Lewis (1972; 1980) e David Armstrong (1968; 1981). Esta corrente teórica compreende os estados funcionais do funcionalismo através de um tipo de sentenças de Ramsey formuladas por Lewis.¹³ Uma sentença de Ramsey, de maneira geral, é uma longa *conjunção* de sentenças em *aberto* que possuem a possibilidade de serem satisfeitas.¹⁴ Os termos que essa longa *conjunção* de sentenças possui pode ser de qualquer tema que você queira se referir e explicar. No caso do funcionalismo analítico, as sentenças de Ramsey servem para compreender os estados funcionais. Além disso, o *conteúdo* dessas sentenças será composto através da nossa psicologia do senso comum,¹⁵ que é a maneira que pessoas ordinárias/comuns usam os termos mentais em seu dia a dia.¹⁶ Dessa forma, esta vertente funcionalista pode ser *metafisicamente neutra* focando apenas no aspecto linguístico e *semântico* de termos mentais¹⁷. Além disso, não é apenas a vertente teórica do funcionalismo analítico que usa termos de Ramsey para caracterizar seus estados funcionais.

c. Psico-funcionalismo

A orientação teórica psico-funcionalista teve como um de seus principais fundadores Jerry Fodor (1968). De maneira semelhante ao funcionalismo analítico, o método dos psico-funcionalistas envolve utilizar sentenças de Ramsey para caracterizar seus estados funcionais. No entanto, diferentemente dos funcionalistas analíticos, o conteúdo das sentenças de Ramsey

¹² Putnam, 1960, p. 364-365.

¹³ Shoemaker, 1981, p. 93.

¹⁴ Shoemaker, 1981, p. 94.

¹⁵ Lewis, 1972, p. 256.

¹⁶ Stich; Nichols, 2003, p. 5.

¹⁷ Lewis, 1980, p. 218-219.

não será o senso comum. Por outro lado, no caso dos psico-funcionalistas o conteúdo será composto pela melhor teoria psicológica cognitiva disponível.¹⁸ Isto supostamente gera alguns problemas para o psico-funcionalismo. Veremos posteriormente, na seção 3, o desenvolvimento de algumas dessas.

2. *Qualia*

Todo ser humano ou, quiçá, animal vivo já experienciou felicidade, tristeza e sentimentos que frequentemente, de maneira trivial, acreditamos serem fenômenos mentais. Para se referir a todos esses sentimentos qualitativos, subjetivos e fenomênicos a filosofia cunhou o termo, a partir do latim, *qualia*.¹⁹ Este conceito foi principalmente popularizado por C.S. Peirce (1866) e também, C.I. Lewis (1929). No entanto, como vários debates em filosofia, o termo *qualia* não possui um consenso acerca de sua compreensão. Sendo assim, a presente seção dissertará um pouco sobre algumas posturas ontológicas da literatura acerca dos *qualia*. Dentre essas, veremos, *qualia* como: propriedades distintas do físico, ilusão e *quididades*

a. *Qualia* como propriedades distintas do físico

Em vários momentos de nossas vidas percebemos que, apesar de termos vivido situações comuns/públicas com outros indivíduos, a nossa percepção, experiência e vivência é extremamente *particular*, *subjetiva* e *íntima*. Mesmo que tentemos descrever tais situações de maneira *objetiva*, *pública* e em terceira pessoa, falhamos ao captar o mesmo sentido do que é para cada um (*what it is like to*) vivenciar essas situações. É este aspecto fenomênico das experiências que o filósofo Thomas Nagel (1974) compreende como *qualia*. Isto é, *qualia* são as experiências subjetivas, qualitativas, singulares que apenas o indivíduo que possui pode acessar e vivenciar. Esta concepção gera dúvidas sobre a possibilidade de uma descrição de terceira pessoa, impessoal e objetiva captar satisfatoriamente os *qualia*. Consequentemente, há a dúvida sobre a capacidade da ciência/física de explicar/reduzir este fenômeno mental a fenômenos físicos. Apesar de uma vasta gama de filósofos e filósofas verem com bons olhos

¹⁸ Levin, 2023, seção 3.4.

¹⁹ Dennet, 1988, p. 381.

teorias fisicalistas sobre a realidade, esta compreensão dos *qualia* gera desafios para teorias fisicalistas reducionistas.²⁰

b. *Qualia* como uma ilusão

Uma das estratégias fisicalistas é, como visto, tentar reduzir esses eventos mentais, qualitativos e subjetivos a fenômenos físicos. No entanto, esta é uma empreitada com algumas dificuldades as quais, inclusive, podem ser traduzidas como problemas gerados por fortes intuições sobre os *qualia* como algo não físico. Sendo assim, um outro caminho que o paradigma fisicalista pode seguir é o de negar radicalmente nossas intuições sobre a consciência e negar que há na realidade estes fenômenos mentais chamados pelos filósofos de *qualia*. Portanto, segundo essa vertente fisicalista, os *qualia* são na verdade uma ilusão que temos e não fenômenos que de fato existem e devem ser explicados. O que deve ser investigado é, na verdade, a *ilusão*²¹ da ocorrência dos *qualia*.

Apesar desse projeto de negar os *qualia* aparentar ser demasiadamente radical, é importante lembrar que esta aceção busca negar o conceito dos *qualia* costumeiramente caracterizado pela literatura filosófica como propriedades distintas e independentes do físico. Ou seja, esta compreensão não nega que existe algo que chamamos de mente. O que não existe é os *qualia* como costumeiramente os filósofos(as) definem e caracterizam, como, por exemplo, a compreensão de Nagel (1974).

c. *Qualia* como quididades

Por fim, outra concepção interessante acerca dos *qualia* é a dos “Monistas Russelianos”, uma proposta alternativa entre os dualistas e os fisicalistas. Esta concepção dos *qualia* foi inicialmente idealizada por Bertrand Russell (1927) e defende que, talvez, estados mentais não sejam nem completamente físicos e nem completamente mentais (não-físicos). Isto é, os monistas irão compreender os *qualia* a partir de propriedades ou substância “neutra” (as *quididades*), veremos em detalhes a seguir.

De modo geral, o monismo russeliano sobre estados mentais é uma conjunção de três teses: estruturalismo sobre a física, realismo sobre quididades e *qualia* como uma gama de

²⁰ Autores como Chalmers (1996) e Jackson (1982) ilustram bem a dificuldade fisicalista de oferecer uma descrição física para a mentalidade fenomênica sem enfrentar problemas metafísicos e epistêmicos.

²¹ Frankish, 2016, p. 14.

quididade.²² O estruturalismo sobre a física é o entendimento de que nossa prática científica, especialmente a física, não possui um conhecimento *total* sobre os fenômenos físicos. Pois, todas as descrições físicas sobre eventos naturais são conhecimentos sobre propriedades *extrínsecas*, *relacionais*, *causais* dos objetos e não sobre as propriedades *intrínsecas* deles. Em outras palavras, a física entende *como* certas entidades físicas da realidade *agem* e se *comportam*, mas não entendem *o que são essas entidades*.²³ Isso nos leva a segunda tese do monismo russeliano, essas propriedades *intrínsecas* dos objetos que a física não consegue acessar são as *quididades*. Ou seja, as propriedades ontologicamente fundamentais dos objetos são as *quididades*.²⁴ Nesta medida, os *qualia*, segundo o monismo russeliano, são *quididades*. Isto é, a natureza última de estados fenomênicos da mente é as *quididades*.²⁵ Ademais, é importante ressaltar, diferentes compreensões da relação metafísica entre *quididades* e *qualia* dão diferentes vertentes teóricas do monismo russeliano.²⁶ Iremos nos ater a uma compreensão geral e breve de monismo russeliano que atenda aos propósitos argumentativos do trabalho.

3. As objeções dos *qualia* ausentes e invertidos

Uma das críticas ao funcionalismo mais influentes na literatura especializada, é as feitas por Ned Block (1978; 1980; 2007) e Jerry Fodor (1980) conhecidas na bibliografia como os *qualia* ausentes e invertidos. Ambas as objeções buscam mostrar a fraqueza da teoria funcionalista em oferecer uma boa caracterização sobre a natureza da mentalidade, especialmente, em virtude da sua fragilidade de acomodar satisfatoriamente os *qualia* em sua metafísica.

a. *Qualia* ausentes

Apesar de haver um debate em filosofia da mente sobre quais criaturas possuiriam mente ou não, temos certas inclinações em comum sobre quais entidades seriam estranhas ou plausíveis de terem mentalidade. São essas supostas intuições através das quais Block (1978) formula sua objeção dos *qualia* ausentes. Para isso, ele mobiliza dois experimentos mentais para apontar a suposta característica *liberal* que o funcionalismo de máquina possuiria em

²² Goff, 2017, p. 143-144.

²³ Russell, 1927, p. 253-255.

²⁴ Chalmers, 2013, p. 9-10.

²⁵ Chalmers, 2013, p. 9-10.

²⁶ Goff, 2017, p. 149-152.

aceitar muitas entidades como possuidoras de mentalidade. Esta vertente funcionalista, segundo Block, seria demasiadamente liberal ao aceitar muitos e casos estranhos como detentores de mentalidade. Ou seja, a caracterização de estados funcionais do funcionalismo de máquina o faz aceitar entidades que claramente/intuitivamente não teriam mentalidade. Uma dessas entidades é, segundo Block (1978), a Nação da China. Este experimento mental nos pede para imaginarmos uma Nação da China detentora de um governo e uma população extremamente “integrada” e “conectada” por meio de sinais de rádio partilhados por cada indivíduo. Estes aparelhos de rádio instalados nos indivíduos emitem sinais simultâneos quando ativados. A maneira que a população e os estados estão integrados e conectados trocando informações através das ondas de rádio funcionam de maneira análoga ao conjunto de neurônios no cérebro. A partir disso, o funcionalismo de máquina deveria aceitar que esta Nação da China hipotética deteria os estados funcionais relevantes para a mentalidade e, por fim, possuiria mente. Contudo, argumenta Block (1978), não há uma subjetividade de primeira pessoa, o que é ser uma Nação da China (*what it is like to be a*). Se é um absurdo aceitar a Nação da China como uma entidade que possui mentalidade e o funcionalismo de máquina aceita, logo, o funcionalismo é uma tese contraintuitiva e falsa.

Por outro lado, caso o funcionalismo não queira se comprometer em aceitar entidades estranhas como a nação da China de Block, ele pode caracterizar seus estados funcionais de maneira mais “restritiva”. Sob este contexto, o psico-funcionalismo seria uma alternativa interessante para evitar atribuir mentalidade a entidades estranhas. Porém, argumenta Block (1978), o psico-funcionalismo sofre do problema oposto do funcionalismo de máquina, ou seja, essa orientação teórica seria demasiadamente chauvinista, excluindo casos paradigmáticos de mentalidade. A caracterização dos estados funcionais do psico-funcionalismo é, como vimos, através da melhor teoria psicológica disponível. Essa teoria da psicologia é exclusivamente da psique humana e, conseqüentemente, indivíduos que não partilham das mesmas leis psicológicas não possuiriam mentalidade. Seres não mamíferos dificilmente teriam mentalidade, segundo o psico-funcionalismo, e isso seria, para uma parte da literatura especializada, um absurdo. Portanto, segundo Block (1978), o psico-funcionalismo não atribui mentalidade para entidades que claramente teriam mente e, dessa forma, esta vertente teórica é contra-intuitiva e falsa.

Em suma, tanto o funcionalismo de máquina quanto o psico-funcionalismo falham em caracterizar metafisicamente²⁷ os *qualia*, em razão de excluírem casos os quais claramente possuem mente, ou conceber mentalidade para casos que trivialmente não possuem. Mesmo que haja outras vertentes funcionalistas, segundo Block (1978), qualquer que seja a versão funcionalista, esta recairia sobre os mesmos problemas do psico-funcionalismo ou do funcionalismo de máquina.

b. *Qualia* invertidos

Outra crítica muito influente e, em alguma medida, similar ao dos *qualia* ausentes é a objeção dos *qualia* invertidos. A crítica dos *qualia* invertidos ao funcionalismo é antiga na literatura filosófica, podendo se observar alguma formulação em debates de filosofia da mente nos escritos de John Locke.²⁸ No entanto, essa objeção foi seriamente sistematizada e direcionada ao funcionalismo apenas modernamente e ficou conhecida principalmente em Block e Fodor (1972).

Esta objeção, assim como a dos *qualia* ausentes, foca em apontar a fragilidade que o funcionalismo teria em caracterizar metafisicamente os *qualia*. Segundo os funcionalistas, para haver mentalidade deve haver os estados funcionais relevantes para isso. No entanto, é possível dois indivíduos possuírem os mesmos estados funcionais e ao mesmo tempo terem estados mentais distintos. Nas palavras de Fodor:

A razão pela qual o conteúdo qualitativo representa um problema para o funcionalismo é evidente. O funcionalismo está comprometido com a definição dos estados mentais em termos de suas causas e seus efeitos. Parece possível, no entanto, que dois estados mentais tenham as mesmas relações causais, diferindo, porém, em seu conteúdo qualitativo. Deixe-me ilustrar isso com o clássico enigma do espectro invertido. Aparentemente, é possível imaginar dois observadores semelhantes em todos os aspectos psicológicos relevantes, com a única exceção de que as experiências subjetivas que possuem o conteúdo qualitativo do vermelho para um observador teriam o conteúdo qualitativo do verde para o outro observador.²⁹

²⁷ Vale a pena lembrar que a objeção dos *qualia* ausentes é sobretudo uma crítica ao funcionalismo enquanto teoria *metafísica* e não enquanto teoria *explicativa* da consciência. Isto fica claro quando Block diz na primeira sentença de seu texto: “O funcionalismo como uma visão da *natureza* da mentalidade...” (Block, 1978, p. 231, tradução própria).

²⁸ Ver a entrada da *Stanford Encyclopedia of Philosophy* de Byrne (2020) para saber mais sobre o aspecto histórico da objeção do *qualia* invertido.

²⁹ Fodor, 1981, p. 130.

Ou seja, é possível que dois indivíduos estejam observando uma mesma cor, tendo os mesmos estados funcionais cognitivos referentes ao ato de ver esta cor, mas possuem dois *qualia* de cores invertidos/distintos. Dessa forma, caracterizar estados mentais através de estados funcionais não é suficiente e o funcionalismo é uma teoria falsa.

4. É possível superar tais objeções?

Como visto, o funcionalismo foi uma teoria com o propósito de servir como uma alternativa para as teorias fisicalistas de sua época e foi historicamente desenvolvida por alguns filósofos fisicalistas e reducionista como David Lewis e David Armstrong. Todavia, a teoria funcionalista não está comprometida em aceitar o fisicalismo e o reducionismo³⁰ sobre a natureza de estados mentais.³¹ Compreender estados mentais através de estados funcionais, talvez, como visto, mantenha em alguma medida a teoria *ontologicamente neutra*. Ou seja, poderia haver vertentes funcionalistas não fisicalistas e anti-reducionistas³² sobre os *qualia*, e isto seria compatível com a principal definição do funcionalismo: (i) estados mentais são estados funcionais e (ii) a mente pode ser multiplamente realizável. Veremos na presente seção como a característica do funcionalismo de ser *ontologicamente neutro* pode ser, possivelmente, explorada para superar as críticas dos *qualia* ausentes e invertidos.³³

A crítica dos *qualia* ausentes ao funcionalismo de Block (1978) é feita tendo em mente *qualia* como propriedades distintas das propriedades físicas. Ou seja, *qualia* seriam propriedades subjetivas, fenomênicas e de primeira pessoa (*what it is like to be a*). O uso do termo *qualia* desta maneira fica evidente quando Block (2007, p. 73) faz menção direta³⁴ a

³⁰ No entanto, historicamente o funcionalismo foi, inclusive na época de seu surgimento, visto como uma teoria reducionista sobre os estados mentais. Em outras palavras, a mente se reduziria a estados funcionais. Isto não ocorre em vão, um dos idealizadores iniciais do funcionalismo, como por exemplo Lewis, Putnam, Armstrong, endossam uma teoria funcionalista fisicalista e reducionista (Block, 2007, p. 34-35).

³¹ Block, 2007, p. 118.

³² Ver Chalmers (1996; 2010) para conhecer uma versão anti-reducionista e dualista do funcionalismo.

³³ A estratégia de explorar a neutralidade ontológica do funcionalismo não é uma novidade no debate. O funcionalismo dualista de Chalmers (1996; 2010) faz um bom uso desta estratégia ao formular seus contra-argumentos às objeções dos *qualia* ausentes e invertidos, conhecidos como os *qualia* dançantes e desaparecidos (Chalmers, 1996, p.249)

³⁴ Block (1978), ao falar sobre o *homunculi* de seu experimento mental, afirma que: “nos termos de Nagel (1974), há uma dúvida *prima facie* que exista algo que seja para (*what it is like to be a*) o homunculi - headed System” (Block, 1978, p. 281, tradução própria). Lembrando que, apesar de não o termos apresentados no texto, o experimento mental do *homunculi* de Block ocupa a mesma função argumentativa do experimento mental da Nação da China: apontar a fragilidade do funcionalismo em explicar metafisicamente os *qualia*, uma vez que este aceitaria casos estranhos como dignos de *qualia*.

Nagel (1974). Em suma, uma das premissas do argumento de Block é aceitar os *qualia* como propriedades fenomênicas, qualitativas e de primeira pessoa.

Por outro lado, há a objeção dos *qualia* invertidos que, assim como a dos *qualia* ausentes, também pressupõe na formulação de seu argumento uma concepção dos *qualia* como propriedades distintas do físico. O uso do termo desta maneira fica claro quando esta objeção formula o seu experimento mental. Como visto, imaginemos dois indivíduos que observam a mesma cor e possuem os mesmos estados funcionais no cérebro, psique, mas *qualitativamente* possuem experiências distintas. Isto é, os observadores se distinguem acerca dos seus aspectos *subjetivos* de *primeira pessoa*; o que é para cada indivíduo enxergar aquela cor (*what it is like to*). Sob esta ótica, fica evidente que a crítica dos *qualia* invertidos ao funcionalismo usa a concepção dos *qualia* como propriedades distintas do físico.

Em suma, as críticas dos *qualia* ausentes e invertidos são feitas tendo em vista a concepção dos *qualia* como propriedades distintas do físico. Nesta medida, o funcionalismo se apresentando historicamente como uma teoria fisicalista e reducionista terá problemas com uma concepção dos *qualia* como propriedades não-físicas. No entanto, apesar do funcionalismo estar inserido em um paradigma filosófico fisicalista e reducionista este não precisa necessariamente aceitar o fisicalismo e o reducionismo, veremos a seguir algumas alternativas ontológicas.

a. Funcionalismo ilusionista

Como vimos, os ilusionistas negam a existência dos *qualia* na realidade, ao menos a concepção dos *qualia* que costumeiramente é feita pelos filósofos. Nesta medida, o que há é apenas a ilusão de que existe tal fenômeno. Com isto em mente, imaginemos uma versão funcionalista ilusionista que define estados mentais através de estados funcionais e negue a existência de propriedades mentais como os *qualia*. Dessa maneira, quando Block (1978) apela para a concepção dos *qualia* para acusar o funcionalismo de ser demasiadamente liberal ou chauvinista, este estaria usando apenas uma *intuição ilusória* que há *qualia*. Portanto, o argumento de Block (1978) perde força e, em certa medida, se torna sem sentido. É importante frisar que não está em discussão aqui se uma Nação da China hipotética possuiria mente ou se certos animais não possuem mentalidade. O que estamos argumentando é que a noção de mentalidade usada por Block (1978) deixa de ter um apelo argumentativo/intuitivo caso *qualia* for apenas uma ilusão que temos.

Ademais, a objeção dos *qualia* invertidos, assim como os *qualia* ausentes, perderia força argumentativa. A possibilidade de dois indivíduos com os mesmos estados funcionais, mas com estados mentais distintos não afetaria uma vertente funcionalista ilusionista. Uma vez que, mesmo que os indivíduos sejam portadores de estados mentais qualitativos distintos, estes estados, em última análise, não querem dizer absolutamente nada sobre a mente. Pois, como visto, estes *qualia* dos indivíduos seriam ilusórios (falsos) e, portanto, não seriam um contra-exemplo ao funcionalismo.

Portanto, se a teoria funcionalista aceitar algumas ideias ilusionistas em seu arcabouço ontológico, ela, talvez, seja capaz de superar as críticas dos *qualia* ausentes e invertidos. Uma vez que o funcionalismo entenderia a concepção dos *qualia*, pressuposto nas referidas objeções, como uma ilusão.

b. Funcionalismo monista

Outra alternativa, talvez menos radical que o ilusionismo, é entender *qualia* como *quididades* que não são nem físicas e nem mentais. Ou seja, o funcionalismo monista compreenderia estados mentais a partir de estados funcionais e um conjunto de *quididades*. Dessa forma, assim como o funcionalismo ilusionista, talvez esta vertente funcionalista supere as críticas dos *qualia* ausentes e invertidos.

Podemos observar que, no caso dos *qualia* ausentes, esta vertente dificilmente atribuiria mentalidade à Nação da China de Block (1978), pois não haveria *quididades* nesta entidade hipotética. Além disso, dificilmente esta vertente iria se restringir a atribuir mentalidade apenas para seres humanos ou animais similares. Pois, várias outras espécies de animais e seres vivos seriam compostos por *quididades*/mentalidade. Ademais, no caso da objeção dos *qualia* invertidos, dificilmente seria possível haver dois indivíduos com os mesmos estados funcionais e *quididades* e que não teriam os mesmos estados mentais qualitativos.

Em suma, assim como o funcionalismo ilusionista, a teoria funcionalista monista abre mão de uma postura ontológica reducionista sobre os *qualia*. A teoria funcionalista, dessa forma, talvez, consiga superar as tradicionais objeções dos *qualia* ausentes e invertidos. Isso se deve principalmente em virtude de tais críticas atacarem, principalmente, uma postura ontológica reducionista sobre os *qualia* que o funcionalismo monista não possui.

É importante observar que, apesar de ambas as vertentes, em um primeiro momento, aparentam ser promissoras em responder às objeções dos *qualia* ausentes e invertidos, é

extremamente importante que estas vertentes e discussões sejam compreendidas como especulações extremamente embrionárias. Ou seja, ainda há um trabalho de pesquisa a ser feito acerca de diversos pontos em aberto. Sob este contexto, as considerações feitas nesta seção são especulações iniciais e breves que não esgotam o debate. Sendo assim, tentar desenvolvê-las e aprofundá-las no presente trabalho seria demasiadamente pretensioso e dificilmente realizável. Portanto, através da discussão levantada, almejamos apenas apontar ser possível o funcionalismo contornar estas tradicionais críticas dos *qualia* ausentes e invertidos e, talvez, retomar sua popularidade filosófica.

Conclusão

O funcionalismo já foi uma teoria filosófica popular, mas devido algumas críticas, como a dos *qualia* ausentes e invertidos, perdeu seu posto. A objeção dos *qualia* ausentes acusa a teoria funcionalista de ser liberal, atribuir mentalidade a entidades estranhas, ou chauvinista, não atribuir mentalidade a casos paradigmáticos. Por outro lado, há a objeção dos *qualia* invertidos a qual diz haver a possibilidade de indivíduos terem os mesmos estados funcionais, mas serem mentalmente distintos. Ambas as críticas são similares em atacar o funcionalismo por ser uma teoria insatisfatória ao acomodar os *qualia* em seu arcabouço teórico.

No entanto, como visto anteriormente, as duas objeções possuem como pressuposto um funcionalismo ontologicamente reducionista sobre os *qualia*. Isto é, *qualia* como propriedades redutíveis ao físico e aos estados funcionais. Sendo o funcionalismo uma teoria que talvez seja ontologicamente *neutra*, este não precisaria aceitar o fisicalismo e o reducionismo e ter problemas com as críticas dos *qualia* ausentes e invertidos.

Em suma, poderia haver vertentes funcionalistas que aceitem outras posturas ontológicas não reducionistas sobre os *qualia*, como, por exemplo: *qualia* como uma ilusão e como *quididades*. Em outras palavras, poderia haver uma orientação teórica do funcionalismo monista ou ilusionista. Ambas as vertentes, em um primeiro momento, parecem ser promissoras para contornar as críticas dos *qualia ausentes e invertidos*. Portanto, o funcionalismo ainda é uma teoria filosófica com potencial para contornar as tradicionais objeções dos *qualia* ausentes e invertidos e, quem sabe, voltar a ser uma teoria filosófica popular em filosofia da mente.

Referências

ABRANTES, P.; AMARAL, F. Funcionalismo e causação mental. *Manuscrito: Revista Internacional de Filosofia*, Campinas, SP, v. 25, n. 3, p. 13-45, 2002.

ARMSTRONG, D. *A Materialistic Theory of the Mind*, London: RKP, 1968.

_____. *The Nature of Mind*, Brisbane: University of Queensland Press, 1981.

BLOCK, N. *Consciousness, Function, and Representation: Collected Papers*. London: Bradford, 2007.

_____. Troubles with Functionalism. In: GOLDMAN, A. (Ed.). *Readings in Philosophy and Cognitive Science*. Cambridge: MIT Press. p. 261-325, 1978.

BLOCK, N. *Readings in the Philosophy of Psychology*, Volumes 1 e 2, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1980.

BLOCK, N.; FODOR, J. What psychological states are not. *Readings in philosophy of psychology*, v. 1, p. 237-250, 1980.

BRADDON, D.; JACKSON, F. *Philosophy of Mind and Cognition*. Malden, MA: Blackwell Publishing, (2th Edition), 2007.

BYRNE, A. Inverted Qualia, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/qualia-inverted/>>; 2020. Acesso em: 07/08/2024.

CHALMERS, D. J. *The conscious mind*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

_____. *The character of consciousness*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

_____. Panpsychism and Panprotopsychism. *Amherst Lecture in Philosophy*, 8 (reprinted in Alter and Nagasawa 2015), p. 246-276, 2013.

DENNET, D. Quining Qualia. In: LYCAN, W. (Ed.) *Mind and Cognition*. Oxford: Blackwell, 1990. Capítulo 17, p. 519-548.

FODOR, J. *Psychological Explanation*, New York: Random House, 1968.

_____. *O problema mente-corpo*. Trad. Saulo F. Araujo, *Scientific American*, Vol. 244 (1), p. 124-32, 1981.

FRANKISH, K. Illusionism as a Theory of Consciousness. *Journal of Consciousness Studies*, v. 23, p. 11-39, 2016.

GOFF, P. *Consciousness and fundamental reality*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2017.

JACKSON, F. Epiphenomenal Qualia. *Philosophical Quartely*, v. 32, p.127-136, 1982.

LEVIN, J. Functionalism. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2018/entries/functionalism/>>, 2023. Acesso em: 07/08/2024.

LEWIS, D. *Psychophysical and Theoretical Identifications*, in Block 1980, 207-215, 1972.

_____. *Mad Pain and Martian Pain*, in Block 1980, 216-222, 1980.

NAGEL, T. What Is It Like to Be a Bat?. *The Philosophical Review*, v. 83 (4), p. 435-450, 1974.

PUTNAM, H. *Minds and Machines*, Cambridge: Cambridge University Press, 1960.

_____. *The Nature of Mental States*. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

_____. *Representation and reality*. Cambridge, MA: MIT press, 1988.

_____. The Nature of Mental States. *Readings in philosophy of psychology*, v. 1, p. 223-231, 1980.

RUSSELL, B. *The Analysis of Matter*. London: Kegan Paul, 1927.

STICH, S; NICHOLS, S. Folk Psychology. In: EDITORES. *The Blackwell Guide to Philosophy of Mind*. Oxford: Basil Blackwell, 2003, p. 235-255.

SHOEMAKER, S. The Inverted Spectrum, *Journal of Philosophy*, 79: 357-81, 1982.

SHAGRIR, O. The Rise and Fall of Computational Functionalism. In: BEN-MENAHM, Y. (ed.). *Hilary Putnam*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. Capítulo 9, p. 220-250.

TURING, A. Computing Machinery and Intelligence. *Mind*, vol. LIX, p. 433-460, 1950.